

ÁREA TEMÁTICA: GESTÃO DE ESPORTES

**FUTEBOL FEMININO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:
INVISIBILIDADE, EMERGÊNCIA E AGENDAS DE PESQUISA**

36° ENANGRAD

Resumo

Este artigo analisa a produção científica sobre futebol feminino no campo das Ciências Sociais Aplicadas entre 2000 e 2026, com base em levantamento bibliométrico realizado no Portal de Periódicos da CAPES. Apesar do crescente destaque midiático e institucional da modalidade, os dados revelam uma significativa sub-representação acadêmica: dos 249 artigos encontrados sobre o tema, apenas 31 pertencem à área. A pesquisa categorizou os estudos por subáreas como comunicação, políticas públicas, administração e direito, identificando uma predominância de abordagens voltadas à mídia e à cobertura jornalística, e raras contribuições nos campos de gestão, financiamento e política esportiva. A análise crítica aponta para barreiras epistemológicas, institucionalização frágil e atravessamentos de gênero como fatores que sustentam essa invisibilidade científica. Como contribuição, o estudo propõe o fortalecimento de agendas interdisciplinares, incentivos à pesquisa aplicada e ampliação temática que articule o futebol feminino a dimensões como turismo, políticas públicas e grandes eventos, como a Copa do Mundo, destacando seu potencial transformador no campo acadêmico e social.

Palavras-chave: Futebol feminino; Ciências Sociais Aplicadas; Invisibilidade acadêmica; Políticas públicas.

Abstract

This article analyzes the scientific production on women's football within the field of Applied Social Sciences between 2000 and 2026, based on a bibliometric survey conducted through the CAPES Journal Portal. Despite the growing media and institutional visibility of the sport, data reveals significant academic underrepresentation: of the 249 articles found on the topic, only 31 belong to this field. The research categorized the studies by subfields such as communication, public policy, administration, and law, identifying a predominance of approaches focused on media and journalistic coverage, and rare contributions related to management, financing, and sports policy. The critical analysis highlights epistemological barriers, fragile institutionalization, and gender dynamics as factors that sustain this scientific invisibility. As a contribution, the study proposes strengthening interdisciplinary research agendas, promoting applied research funding, and expanding thematic scope to include dimensions such as tourism, public policy, and major events like the Women's World Cup—emphasizing its transformative potential in both academic and social spheres.

Keywords

Women's football; Applied Social Sciences; Academic invisibility; Public policies.

1. Introdução

Nas últimas décadas, o futebol feminino tem conquistado crescente visibilidade nos espaços midiáticos, políticos e institucionais, consolidando-se como tema relevante no debate público sobre igualdade de gênero, representatividade e direitos esportivos (Tsutsui, 2024). Essa valorização é perceptível na ampliação da cobertura jornalística e na inclusão da modalidade em programas esportivos nacionais e internacionais (Januário, Lima, & Leal, 2020). No entanto, essa crescente presença social não tem sido acompanhada, na mesma medida, por uma produção científica robusta, especialmente no campo das Ciências Sociais Aplicadas área que abrange campos fundamentais como administração, políticas públicas, comunicação, direito e economia.

Apesar do reconhecimento social, diversas pesquisas destacam a persistência de práticas institucionais e simbólicas que continuam a marginalizar o futebol praticado por mulheres. Estudos como os de Salvini e Marchi Júnior (2012); Gabriel & Freitas (2016); Soares, Sangalietti e Hahn (2021) apontam mecanismos de silenciamento midiático, representações estigmatizadas e exclusão discursiva, até mesmo em contextos de grande visibilidade, como as Copas do Mundo. Essa lógica também opera na esfera acadêmica: levantamento realizado no Portal de Periódicos da CAPES revela que, entre 2000 e 2026, apenas 31 dos 249 artigos sobre futebol feminino foram classificados dentro da área das Ciências Sociais Aplicadas um indicativo claro da sub-representação do tema no campo aplicado.

Diante disso, este artigo tem como objetivo realizar uma análise exploratória da produção científica sobre futebol feminino no escopo das Ciências Sociais Aplicadas, com base em levantamento bibliométrico conduzido no Portal de Periódicos da CAPES. O estudo busca identificar os principais padrões temáticos, metodológicos e institucionais que caracterizam essa produção, bem como refletir criticamente sobre os fatores que sustentam sua invisibilidade no ambiente científico.

Os limites da investigação concentram-se na análise de publicações entre os anos de 2000 e 2026, utilizando apenas artigos indexados na plataforma CAPES e relacionados exclusivamente às subáreas aplicadas. Estudos provenientes de áreas como Educação Física ou Ciências Humanas, ainda que relevantes, foram excluídos por não atenderem ao foco estabelecido.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresenta-se o referencial teórico que fundamenta a análise sobre o futebol feminino nas Ciências Sociais Aplicadas; na seção 3, descreve-se a metodologia utilizada para o levantamento e categorização dos dados; a seção 4 traz a análise e discussão dos principais resultados encontrados; por fim, a seção 5 reúne a Conclusão e Contribuições, destacando os desdobramentos do estudo e propondo caminhos para o fortalecimento de futuras agendas de pesquisa interdisciplinar sobre o tema.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Contribuições das Ciências Sociais Aplicadas no estudo do esporte

As Ciências Sociais Aplicadas desempenham um papel central na análise das políticas, práticas e instituições que moldam o esporte (Cortes & Lima, 2012). Áreas como administração pública, comunicação, direito e políticas públicas oferecem instrumentos analíticos valiosos para compreender como estruturas sociais influenciam o acesso, a valorização e a organização de modalidades esportivas (Ollaik & Medeiros, 2011); Bucci, 2023). No entanto, o futebol feminino ainda ocupa um espaço incipiente nessas abordagens, como apontam Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014), o número de dissertações e teses dedicadas ao tema entre 1990 e 2010 era extremamente reduzido, indicando a fragilidade da consolidação temática na área.

Essa lacuna não se limita à academia, mas reflete um processo mais amplo de negligência institucional. A pesquisa de Beirith, Araldi e Folle (2021) confirma que, embora haja crescimento no número de estudos sobre futebol de mulheres na Educação Física, essa produção ainda é fragmentada, com pouca articulação com os campos aplicados das Ciências Sociais. Isso revela a necessidade de investir em metodologias interdisciplinares que cruzem análises sobre gestão, políticas públicas e práticas culturais, integrando o futebol feminino a debates estratégicos da área.

A comunicação social, por exemplo, ainda apresenta baixa densidade analítica sobre a cobertura da modalidade. Gabriel *et al.* (2020) observam que os estudos sobre jornalismo esportivo, mesmo quando abordam o futebol feminino, costumam tratá-lo como tema periférico, destacando a pouca visibilidade da prática e a recorrência de abordagens superficiais. Essa ausência de profundidade crítica no campo midiático impacta diretamente na forma como o futebol feminino é compreendido e valorizado pela sociedade.

A atuação do Estado também é um ponto negligenciado. Freitas, Bazhuni e Lima (2023) discutem como a ausência de políticas públicas voltadas ao futebol feminino resulta em experiências autônomas de resistência, construídas em contextos de desigualdade estrutural e vulnerabilidade social. Tais iniciativas, muitas vezes desvinculadas de programas institucionais, revelam a importância de incorporar o tema às agendas de gestão pública, especialmente na articulação entre esporte, território e cidadania, debates tradicionalmente situados nas Ciências Sociais Aplicadas.

É importante destacar que os poucos estudos com esse recorte têm mostrado a potência de análises mais complexas. Guirra e Almeida (2015), por exemplo, revelam como as percepções masculinas sobre o futebol feminino influenciam estruturas simbólicas e práticas esportivas, reiterando a importância de entender o esporte como um espaço de produção de discursos e identidades. Assim, ampliar a presença do futebol feminino nesse campo é também repensar os limites da própria produção acadêmica sobre esporte e sociedade.

2.2. Gênero e política no futebol: desafios históricos e simbólicos

A história do futebol feminino no Brasil é marcada por apagamentos institucionais e disputas simbólicas que atravessam o gênero como um eixo estrutural (Broch, 2021). Durante grande parte do século XX, a prática esportiva por mulheres foi desestimulada ou mesmo proibida por dispositivos legais e normas sociais que associavam o futebol exclusivamente à virilidade masculina (Ribeiro, 2023). A análise de Salvini e Marchi Júnior (2012), que investigou a cobertura da revista *Placar* nos anos 1980, revela representações estigmatizadas das mulheres no futebol, frequentemente retratadas de forma exótica, folclórica ou como exceções curiosas dentro de um universo hegemonicamente masculino.

Essa marginalização também se manifesta nas percepções sociais sobre o futebol praticado por mulheres, Guirra e Almeida (2015), por meio de uma pesquisa com jogadores amadores, identificaram atitudes machistas e discursos que desqualificam a presença feminina no esporte, reiterando visões patriarcais sobre força, competência e espaço legítimo. Esses dados reforçam que o futebol, mesmo em suas formas mais populares, ainda é regulado por códigos simbólicos que operam a partir de hierarquias de gênero profundamente enraizadas.

A própria imprensa esportiva funciona como dispositivo de manutenção dessa lógica. Gabriel e Freitas (2016), ao analisarem a cobertura da Folha de S.Paulo durante a Copa do Mundo Feminina de 2011, constataram que, mesmo em um evento de visibilidade internacional, a seleção brasileira feminina recebeu atenção periférica e marcada por narrativas estereotipadas. Essa prática comunicacional contribui para naturalizar a ausência do futebol feminino nos espaços de prestígio midiático, dificultando sua legitimação enquanto prática esportiva relevante.

Além da mídia, o discurso institucional e acadêmico também participa da construção de silêncios. Soares, Sangalietti e Hahn (2021) discutem o funcionamento da “política do silêncio”, que opera de forma sutil nos textos jornalísticos e nos discursos institucionais ao manter o futebol feminino em posição subalterna, mesmo quando ele é tematizado. Essa operação simbólica, mais do que ausência, produz uma presença desautorizada, marcada por uma constante sensação de exceção e transgressão por parte das mulheres envolvidas.

Romper com esses padrões exige uma abordagem crítica que compreenda o futebol como um campo político de disputa por visibilidade, poder e pertencimento. Como destaca Sousa et al. (2023), em estudo sobre a inserção feminina no Tocantins, o acesso ao futebol ainda depende de enfrentamentos cotidianos contra barreiras culturais, institucionais e familiares. Reconhecer essas tensões é fundamental para avançar em políticas e estudos que não apenas celebrem a presença feminina, mas que interroguem as estruturas que, historicamente, tentaram impedir sua consolidação.

2.3. Invisibilidade institucional e epistemológica na produção acadêmica

A invisibilidade que marca o futebol feminino não é apenas fruto de negligência midiática ou social, mas também se manifesta de maneira estrutural no campo científico (Furlan & Oliveira, 2023). Soares, Sangalietti e Hahn (2021) investigam o funcionamento de uma “política do silêncio” que opera discursivamente na manutenção da modalidade fora do centro dos

debates esportivos. Segundo os autores, mesmo quando há cobertura, ela tende a ser simbólica e residual, reforçando a ideia de que o futebol praticado por mulheres é exceção ou concessão, e não um campo legítimo de conhecimento e ação institucional.

Essa marginalização também se evidencia na forma como os estudos acadêmicos são distribuídos entre áreas do conhecimento. Gabriel et al. (2020), ao realizarem uma revisão crítica sobre o jornalismo esportivo, destacam que o futebol feminino raramente é tematizado como objeto central, aparecendo, muitas vezes, como nota de rodapé em pesquisas voltadas ao futebol masculino ou a grandes eventos globais. Isso aponta para uma invisibilidade epistemológica, em que o recorte de gênero é minimizado na produção acadêmica, mesmo em áreas como comunicação e educação física.

Essa ausência também pode ser observada na fragmentação da própria produção. Beirith, Araldi e Folle (2021), em um mapeamento sobre teses e dissertações voltadas ao futebol feminino, ressaltam que, embora haja crescimento quantitativo nos últimos anos, a maior parte dos estudos concentra-se em análises fisiológicas ou educacionais, com pouca conexão com debates institucionais, políticos e gerenciais, dimensões amplamente abordadas nas Ciências Sociais Aplicadas. Essa dispersão compromete a construção de um campo sólido e articulado.

Outro fator que contribui para esse silenciamento é a falta de indexação adequada da produção acadêmica. O levantamento realizado por Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014) demonstrou que muitos trabalhos sobre futebol feminino não estão disponíveis em bases de dados amplamente acessadas por pesquisadores de outras áreas, o que dificulta sua circulação, leitura e interlocução interdisciplinar. A baixa visibilidade digital limita a capilaridade das discussões, reiterando os desafios para consolidar o tema como objeto legítimo de estudo (Mattos, & Chagas, 2008).

Dessa forma, a invisibilidade do futebol feminino na academia não é apenas ausência de pesquisa, mas resultado de um conjunto de dinâmicas que operam simbólica e institucionalmente. Como apontam Gabriel e Freitas (2016), o futebol de mulheres continua sendo desautorizado nas esferas de produção de sentido e, por consequência, nos circuitos de validação científica. Romper com esse quadro exige não apenas mais estudos, mas também uma reestruturação nos critérios de legitimidade e prioridade da pesquisa acadêmica esportiva.

2.4. Agendas emergentes e aproximações interdisciplinares

Nos últimos anos, o futebol feminino passou a ser interpretado sob novas chaves analíticas que vão além da performance esportiva, revelando sua potência como prática cultural, política e pedagógica (Furlan & Oliveira, 2023). Essa mudança favorece a construção de abordagens interdisciplinares, capazes de articular diferentes dimensões do fenômeno esportivo. Tsutsui (2024), por exemplo, analisa as práticas discursivas de torcedoras em jogos da seleção feminina, evidenciando como narrativas de pertencimento e resistência são produzidas a partir de experiências sensíveis e afetivas. Sua pesquisa aponta para o potencial do futebol enquanto espaço simbólico de construção de identidades e disputas por visibilidade social.

O futebol também tem sido compreendido como uma ferramenta formativa em contextos educacionais e comunitários. Biram e Mitidieri (2023),

ao analisarem projetos pedagógicos em escolas públicas, mostram como a inserção do futebol feminino contribui para a construção de valores de cidadania, coletividade e autoestima entre alunas. Nessa perspectiva, o esporte se transforma em instrumento crítico de educação, promovendo práticas emancipatórias que extrapolam o campo.

Além do contexto escolar, experiências locais revelam a potência do futebol feminino como estratégia de inclusão e resistência diante da ausência de políticas públicas específicas. Sousa, Farias e Souza (2023), ao investigarem a inserção feminina no futebol em Tocantinópolis-TO, evidenciam como a prática esportiva se torna um espaço de mobilização comunitária e afirmação identitária em territórios periféricos. Nessa realidade, o futebol vai além do jogo, funciona como instrumento de protagonismo social, construção de vínculos coletivos e enfrentamento das exclusões históricas que marcam os corpos e trajetórias das mulheres nos espaços urbanos e esportivos (Furlan & Oliveira, 2023).

O campo da comunicação também tem oferecido aportes relevantes para compreender as construções simbólicas em torno do futebol feminino. Gabriel e Freitas (2016), ao analisarem a cobertura da seleção feminina em grandes jornais, indicam que a narrativa construída pela mídia ainda oscila entre a exotização e a omissão, reforçando estereótipos de gênero. Entretanto, estudos como o de Salvini e Marchi Júnior (2012) apontam que esses discursos também podem ser tensionados, revelando a importância de iniciativas midiáticas comprometidas com uma representação mais equânime e crítica da modalidade.

Essas perspectivas reforçam a necessidade de fortalecer abordagens interdisciplinares que articulem comunicação, educação, políticas públicas e gestão esportiva. Ao incorporar múltiplas vozes e campos de saber, a pesquisa sobre futebol feminino ganha densidade analítica e sensibilidade social. Como destacam Beirith, Araldi e Folle (2021), o avanço desse campo depende da consolidação de agendas que valorizem as especificidades da prática feminina e que promovam o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento comprometidas com a equidade e a transformação social.

3. Metodologia

Este estudo adota uma abordagem de natureza bibliométrica e exploratória, com o objetivo de mapear e analisar a presença do futebol feminino na produção científica vinculada às Ciências Sociais Aplicadas. A escolha por esse delineamento metodológico visa compreender, de forma quantitativa e qualitativa, os padrões temáticos, institucionais e metodológicos dessa produção.

A base de dados selecionada para a pesquisa foi o Portal de Periódicos da CAPES, por se tratar de um repositório amplo, qualificado e representativo da produção acadêmica brasileira e internacional. A busca foi realizada com os termos “futebol feminino” aplicados aos campos “título”, “resumo” e “palavras-chave”, entre os anos de 2000 e 2026, este último considerado com base nas indexações antecipadas ou publicações já agendadas no sistema.

Os critérios de inclusão consideraram apenas artigos publicados em periódicos científicos e classificados na área das Ciências Sociais Aplicadas de acordo com a categorização da CAPES. Foram excluídas publicações duplicadas, em formato de resenha, editoriais, ou classificadas em outras

grandes áreas como Saúde ou Educação Física, sem relação direta com administração, políticas públicas, direito, comunicação, economia, entre outras subáreas do escopo.

A análise seguiu as seguintes etapas: (1) quantificação geral do número de artigos sobre futebol feminino identificados no período; (2) categorização por grande área do conhecimento; (3) identificação das subáreas dentro das Ciências Sociais Aplicadas e mapeamento dos temas mais recorrentes; (4) classificação da autoria (individual, coletiva, institucional), tipo de periódico, e metodologias utilizadas (empíricas, teóricas ou revisões); e (5) análise qualitativa dos desafios temáticos e epistemológicos mais recorrentes na produção selecionada.

Esse percurso metodológico permite, assim, não apenas medir a presença do tema nas Ciências Sociais Aplicadas, mas também compreender seus significados, enfoques e lacunas, oferecendo subsídios para o fortalecimento de uma agenda crítica e interdisciplinar sobre o futebol feminino.

4. Análise e Discussão dos Resultados

A partir da busca realizada no Portal de Periódicos da CAPES com o termo “futebol feminino” entre os anos de 2000 e 2026, foram identificados 249 artigos relacionados ao tema. Desses, apenas 31 (12,4%) pertencem à área das Ciências Sociais Aplicadas, evidenciando a baixa representatividade da temática nesse campo, apesar do crescente interesse social e institucional pelo futebol feminino.

Entre os 31 artigos analisados, a maior concentração ocorreu nas subáreas de comunicação (12 artigos) e políticas públicas (7 artigos). A produção nas áreas de administração e direito foi residual, com apenas três artigos abordando aspectos institucionais, financeiros ou regulatórios da modalidade. Outras áreas identificadas incluem turismo, contabilidade pública e gestão educacional, todas com frequência inferior a dois artigos cada.

Em relação aos temas abordados, houve predominância de estudos sobre mídia e cobertura jornalística, com foco em representações simbólicas, discursos estigmatizantes e apagamentos institucionais (Gabriel & Freitas, 2016; Soares et al., 2021). Outros enfoques relevantes incluem processos de exclusão de gênero no ambiente esportivo (Guirra & Almeida, 2015), educação e formação cidadã via futebol feminino (Biram & Mitidieri, 2023) e, em menor escala, questões sobre financiamento e estrutura organizacional dos clubes (Maia & Vasconcelos, 2022). Temas como consumo esportivo e impacto econômico praticamente não foram explorados no período.

Quanto ao perfil da autoria, observou-se predominância de trabalhos assinados por duplas ou trios de pesquisadores, com destaque para a repetição de alguns nomes como Leila Salvini e Bruno Gabriel em mais de uma publicação. A maior parte dos artigos foi publicada em periódicos classificados nas áreas de Educação Física, Comunicação ou Interdisciplinar, e apenas alguns estavam diretamente indexados nas áreas clássicas das Ciências Sociais Aplicadas.

Em termos metodológicos, prevaleceram os estudos de análise documental como coberturas midiáticas e artigos de imprensa, seguidos por pesquisas qualitativas com entrevistas e revisões críticas da literatura. Foram escassos os estudos quantitativos ou com uso de métodos mistos, o que

sugere uma predominância de abordagens descritivo-analíticas e interpretativas no campo.

Esses achados confirmam a lacuna estrutural na produção científica aplicada sobre o futebol feminino e indicam a necessidade de incentivo à pesquisa em subáreas com baixa representação, como administração esportiva, políticas públicas e direito esportivo.

A análise dos dados revela uma lacuna quantitativa expressiva na produção científica sobre futebol feminino nas Ciências Sociais Aplicadas. Dos 249 artigos localizados entre 2000 e 2026, apenas 31 (pouco mais de 12%) pertencem a essa grande área. Essa baixa incidência contrasta com a centralidade que o tema vem ganhando nos debates públicos, especialmente em torno de gênero, representação midiática, financiamento e políticas públicas voltadas ao esporte.

Do ponto de vista qualitativo, a produção também é limitada quanto à diversidade temática e metodológica. Grande parte dos artigos foca em abordagens comunicacionais e análises de discurso, sobretudo sobre representações midiáticas (Gabriel & Freitas, 2016; Soares et al., 2021). Estudos voltados à administração, economia, turismo, contabilidade ou direito esportivo são raros ou inexistentes no período analisado. Essa concentração temática restringe o alcance analítico e o potencial de contribuição das Ciências Sociais Aplicadas para uma compreensão mais sistêmica da modalidade.

Essa disparidade entre visibilidade pública e escassez acadêmica pode ser compreendida como uma manifestação daquilo que Soares, Sangalletti e Hahn (2021) chamam de “política do silêncio” uma lógica institucional de silenciamento que retira o futebol feminino do centro da produção discursiva, mesmo quando socialmente visível. Em outras palavras, a visibilidade conquistada nas arenas esportiva, midiática e afetiva não reverbera com a mesma força nos círculos científicos, especialmente naqueles tradicionalmente ocupados pelas elites institucionais do conhecimento.

Entre os fatores que explicam essa lacuna, destacam-se barreiras epistemológicas e institucionais. Primeiro, o campo científico tende a priorizar objetos legitimados por agendas históricas e normas disciplinares que marginalizam temas considerados periféricos ou “alternativos”, como o futebol de mulheres. Segundo, a frágil institucionalização do tema dificulta a formação de grupos de pesquisa, linhas temáticas consolidadas e financiamento sistemático. Como apontam Beirith, Araldi e Folle (2021), mesmo quando presente, a produção sobre futebol feminino costuma ser fragmentada, com baixa interlocução entre autoras/es e ausência de agenda coletiva. Soma-se a isso o atravessamento de gênero, que historicamente exclui mulheres tanto do campo esportivo quanto do científico (Guirra & Almeida, 2015).

Diante desse cenário, o fortalecimento da agenda de pesquisa exige ações integradas. É urgente promover interdisciplinaridade entre áreas como administração esportiva, políticas públicas, comunicação, economia e turismo, reconhecendo o futebol feminino como objeto legítimo de pesquisa estruturada. Além disso, é necessário estimular o financiamento público de pesquisas que articulem esporte e equidade de gênero, assim como incentivar periódicos científicos a abrirem dossiês temáticos sobre futebol feminino em suas edições. Essas medidas podem contribuir para reverter o processo de

apagamento acadêmico e consolidar uma produção científica alinhada aos desafios sociais contemporâneos da modalidade.

5. Conclusão e Contribuições

Os resultados apresentados neste estudo evidenciam uma contradição significativa entre a crescente visibilidade pública do futebol feminino e sua ainda tímida presença nas Ciências Sociais Aplicadas. Entre os 249 artigos localizados no período de 2000 a 2026, apenas 31 estão vinculados a essa área, revelando uma lacuna tanto quantitativa quanto qualitativa. A concentração de estudos em torno da cobertura midiática e a ausência quase total de abordagens voltadas à administração, políticas públicas, direito e economia do esporte limitam o potencial analítico da produção acadêmica.

Essa discrepância indica que a presença simbólica do futebol feminino na mídia e no debate público ainda não se traduziu em legitimação epistemológica dentro dos circuitos acadêmicos tradicionais. Superar esse desequilíbrio demanda uma reconfiguração das agendas de pesquisa, especialmente nas áreas aplicadas, que historicamente ignoram o esporte e particularmente o praticado por mulheres como objeto de interesse estrutural e organizacional. Integrar o futebol feminino às discussões sobre gestão esportiva, formulação de políticas públicas, direitos esportivos e comunicação institucional é fundamental para garantir que ele não seja apenas visível, mas também compreendido e valorizado em sua complexidade.

Como perspectiva para futuras pesquisas, destaca-se a necessidade de aprofundar estudos de caso sobre clubes, projetos sociais e experiências locais de fomento à modalidade, especialmente em territórios periféricos. A análise de políticas públicas com recorte de gênero, bem como o mapeamento de práticas e atores emergentes ligados à formação, financiamento e estruturação do futebol feminino, também se apresenta como um campo fértil. Além disso, há espaço para investigações que articulem turismo esportivo e grandes eventos internacionais como a Copa do Mundo Feminina analisando os fluxos de torcedores, a construção simbólica de destinos e os legados deixados por essas competições na promoção da equidade e da inclusão.

Assim, ao trazer o futebol feminino para o centro das Ciências Sociais Aplicadas, este estudo busca não apenas evidenciar ausências, mas também lançar sementes para uma agenda de pesquisa mais interdisciplinar, crítica e socialmente comprometida com a transformação do esporte em espaço de justiça e pertencimento.

Referências Bibliográficas

Cortes, S. V., & Lima, L. L. (2012). A contribuição da sociologia para a análise de políticas públicas. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 32-62.

Beirith, M. K., Araldi, F. M., & Folle, A. (2021). Produção científica relacionada ao futebol de mulheres em teses e dissertações. *Movimento (Porto Alegre)*, 27, e113239. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.113239>

Biram, M., & Mitidieri, M. C. A. (2023). Praxis para a transformação social. *FuLiA / UFMG*, 8(1), 1–20. <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2023.47503>

- Broch, M. (2021). Histórico do futebol feminino no Brasil:: considerações acerca da desigualdade de gênero. *Temporalidades*, 13(1), 695-705.
- Freitas, V. S., Bazhuni, R. F., & Lima, J. C. P. (2023). Resistências e desafios na prática do futebol feminino. *Mosaico*, 14(1), 1–15.
<https://doi.org/10.21727/rm.v14i1.3584>
- Furlan, C. C., & Oliveira, M. T. de. (2023). “Lugar de mulher é onde ela quiser”: Futebol feminino e (in)visibilidades das mulheres no cenário brasileiro. *Revista Esporte e Sociedade*, (37), 1–25. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/55164>
- Gabriel, B. J., & Freitas, M. A. (2016). O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante a “Germany World Cup”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(2), 371–380.
<https://doi.org/10.1590/1807-55092016000200371>
- Gabriel, B. J., Freitas, M. A., & Silva, R. T. (2020). Revisão crítica da literatura sobre coberturas jornalísticas do futebol feminino. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 34(3), 499–512.
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v34i3p499-512>
- Guirra, F. J. S., & Almeida, J. V. (2015). Análise da percepção de jogadores de futebol amador sobre mulheres no futebol. *Pensar a Prática*, 18(3), 1–12.
<https://doi.org/10.5216/rpp.v18i3.34040>
- Januário, S. B., Lima, C. A. R., & Leal, D. (2020). Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. *Observatorio (OBS)**, 14(4), 42.
<https://doi.org/10.15847/obsobs14420201590>
- Maia, A. B. G. R., & Vasconcelos, A. C. (2022). Ambiente institucional, estrutura do futebol feminino e desempenho de 61 clubes das ligas mais fortes do mundo. *Podium: Revista de Gestão e Desenvolvimento*, 11(1), 1–25. <https://doi.org/10.5585/podium.v11i1.19066>
- Mattos, F. A. M., & Chagas, G. J. N. (2008). *Desafios para a inclusão digital no Brasil*. Perspectivas em Ciência da Informação, 13(1), 1–18. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pci/a/YCTSyKmxjY4FQcDZRWZXxLc/>
- Ollaik, L. G., & Medeiros, J. J. (2011). *Instrumentos governamentais: reflexões para uma agenda de pesquisas sobre implementação de políticas públicas no Brasil*. *Revista de Administração Pública*, 45(6), 1543–1570. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rap/a/W9Q8g6LXrPJkFSRj9mrVxCt/>

Salvini, L., & Marchi Júnior, W. (2012). Uma história do futebol feminino nas páginas da revista Placar entre os anos de 1980–1990. *Movimento* (Porto Alegre), 18(3), 121–142. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.31644>

Salvini, L., Ferreira, A. L. P., & Marchi Júnior, W. (2014). O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro. *Pensar a Prática*, 17(4), 1–15. <https://doi.org/10.5216/rpp.v17i4.31617>

Soares, A. S. F., Sangalletti, A., & Hahn, T. G. (2021). O funcionamento da política do silêncio no discurso sobre o futebol feminino. *Verbum - Cadernos de Pós-Graduação*, 10(1), 115–127. <https://doi.org/10.23925/2316-3267.2021v10i1p115-127>

Sousa, J. B., Farias, M. J. A., & Souza, A. L. (2023). Futebol é coisa de quem quiser? A inserção feminina em Tocantinópolis-TO. *Revista da ALESDE*, 15(1), 1–15. <https://doi.org/10.5380/ra.v15i1.89533>

Ribeiro, R. R. (2023). Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos ea interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957). *Tempo*, 29(2), 86-106.

Tsutsui, A. L. N. (2024). Vem torcer com a gente! *Dispositiva*, 13(23), 94–115. <https://doi.org/10.5752/p.2237-9967.2024v13n23p94-115>

36º ENANGRAD